as instituições psicanalíticas e seus discursos*

Luís F. G. de Andrade

* Trabalho, ligeiramente modificado, apresentado na Jornada do Fórum Psicanalítico de João Pessoa, I. João Pessoa, 2001.

Há um ponto onde o problema do desejo não pode ser elidido: é quando se trata do próprio psicanalista.

Jacques Lacan

Este trabalho apresenta algumas considerações sobre a instituição psicanalítica e seus impasses, tentando, por um lado, articular a estrutura da instituição psicanalítica com os diferentes tipos de discursos formalizados por Lacan e, por outro, com a economia do fantasma como cenário em que o sujeito protege seu desejo contra o horror do gozo e contra a angústia.

Partamos de uma questão preliminar: por que existem instituições psicanalíticas? Precipitemos a resposta: para transmitir a psicanálise, assegurando a formação de analistas. Daí surge outra questão: e o que é um analista? O que é que ele faz exatamente? Conhecemos a resposta tautológica, repetida ironicamente por Lacan em seu texto de 1956 sobre a situação da psicanálise: "a psicanálise é o tipo de tratamento que se espera de um analista"[1]. Forma inversa de dizer que o analista é aquele que conduz esse tipo de tratamento. É, portanto, uma outra maneira de dizer que a questão da psicanálise se reduz à questão da formação dos analistas.

[1] Lacan. Situation de la psychanalyse et formation du psychanalyste em 1956 (1956/1966, p.460).

Em 1975, na *Conferência de Genebra*[2], Lacan se pergunta: mas afinal, o que um analista faz? Essa é a questão que me coloquei a vida toda, e que é essencial e determinante para a questão da formação, diz ele. Em 1976, no prefácio à edição inglesa de *O seminário – livro 11*[3], ele interroga: como pôde alguém se decidir a ser analista? Isso mostra como a questão da instituição está intimamente ligada à questão do ser analista e de sua formação. Uma coisa não vai sem a outra.

[2] Cf. Conferência en Ginebra sobre el sintoma (1975/1988, p.120).

[3] Lacan. Préface à l'édition anglaise du *Séminaire XI* (1976/2001, p.572).

Poder-se-ia pensar que, embora a instituição psicanalítica não possa existir sem os analistas, estes, sim, poderiam passar sem aquela. Mas quem então formaria os analistas? Temos a resposta imediata, por obra e graça da vulgata lacaniana: o analista se autoriza por si mesmo. Ora, é claro que há um tipo de analista que se autoriza por si mesmo, como se "autorizar-se" fosse auto-ritualizar-se[4], na razão inversa de que há analistas que são autorizados ou habilitados pelas associações profissio-

[4] Lacan (2001, p.308).

nais de psicanálise. Isso mostra até que ponto chegaram a banalização do aforismo lacaniano e o cartorialismo de certas associações psicanalíticas...! Talvez isso decorra também do fato de os analistas não prestarem atenção a seu próprio discurso, como diz Lacan[5].

[5] *Ibid.*, p.498.

Em contrapartida, há os que, rechaçando com vigor e virulência o dito lacaniano, se confortam na rotina repousante das instituições que lhes outorgam o título de analista, como se o ritual produzisse o analista. Ora, ninguém nomeia um analista[6]. De pouco lhe vale tal garantia, pois não é com isso que ele opera[7].

[6] *Ibid.*, p.572.
[7] *Ibid.*, p.307.

É preciso, pois, indagar o que é um analista para compreender o que é uma verdadeira instituição psicanalítica. Assim podemos, igualmente, distinguir o ouro da psicanálise freudiana de tudo aquilo que desvirtua seus princípios e adultera sua *práxis*.

Comecemos pelo analista. Já vimos: não é analista quem se diz, como não é analista quem foi titulado e nomeado. Não há analista se não houve um processo de destituição subjetiva[8] que o levou, pela via de um ato analítico[9], a defrontar-se com a verdade de seu ser, como falta-a-ser. Isso se faz, é claro, na e pela análise, quando se consegue. Tal processo, se conduzido a termo, encontra o desejo, cuja resolução conduz o sujeito ao ponto de passagem da condição de analisando à condição de analista. Tal é a condição necessária, mas não suficiente, para ser analista.

[8] *Ibid.*, p.273.
[9] *Ibid.*, p.272.

Lacan o diz: o fato de o analista decidir sobre sua posição como tal pela via da auto-autorização não exclui que a Escola assegure que um analista depende de sua formação (da Escola)[10]. Que a Escola possa garantir a relação do analista com a formação que ela dispensa é um fato estabelecido[11]. É ela que pode testemunhar que o psicanalista, como tal, tem uma garantia de formação suficiente[12], pois, sobretudo após uma análise, permanece a questão de saber o que impele o sujeito a "se historizar" por si mesmo. Deve haver outra razão que não a de simplesmente se instalar para ganhar dinheiro. E não seria uma hierarquia qualquer a dar ao sujeito a confirmação de que ele é analista. Deve existir uma outra razão para suportar o estatuto dessa nova *práxis* que apareceu na história.

[10] *Ibid.*, p.243.
[11] *Ibid.*, p.244.
[12] *Ibid.*, p.576.

Então, por que não submeter essa *práxis* à prova dessa verdade com a qual sonha a função do inconsciente e cujo termo é marcado pelo fim da análise? Lacan, como se sabe, inventou o passe como teste da historização da análise, mesmo reconhecendo que sua condição optativa[13] não seria razão para com-

[13] *Ibid.*, p.572-73.

prometer a garantia de uma formação suficiente[14]. Ora, é justamente na Escola que tal prova pode ser levada a cabo, pois ela não o é apenas no sentido de que distribui um ensino, mas igualmente o lugar onde se instaura entre seus membros uma comunidade de experiência, visando à transmissão de um saber não apenas referencial, mas sobretudo textual, isto é, o saber do inconsciente. O importante não é o que o analista sabe, mas qual a função do que ele sabe na psicanálise, uma vez que seu saber referencial não tem nada a ver com o saber textual que o sujeito suposto saber lhe significa no processo do tratamento[15].

Detenhamo-nos mais um pouco no tão decantado e maltratado aforismo. O analista se autoriza por si mesmo, isso é evidente, diz Lacan[16]. Mas logo complementa: "e pelos outros"[17], tal como é preciso que a diferença de sexo seja reconhecida não só pelo próprio sujeito, mas igualmente pelos outros. E Lacan acrescenta: "Ninguém pode nomear ninguém como analista. O próprio Freud não nomeou ninguém. Conceder anéis aos iniciantes não é nomear. Daí minha proposição: o analista não se historiza a não ser por si mesmo, ainda que isso venha a ser confirmado por uma hierarquia"[18].

Por aí fica claro o verdadeiro sentido do aforismo lacaniano, que em um primeiro momento tem apenas força constatativa, isto é, ninguém é analista pelo fato de ter buscado sua garantia no Outro, mesmo que seja a Escola[19]. Não é com isso que ele opera. Portanto quem se autoriza a partir do Outro, seja pela via da identificação, seja pelo beneplácito da permissão, não está na posição de analista.

Tal rompimento com a prática mediante a qual pretensas sociedades fazem da análise uma agregação não significa, porém, que qualquer um seja analista. Porque no que sua tese anuncia, é do analista que se trata, e ela supõe que ele exista. Só o analista, que não seja um qualquer, se autoriza por si mesmo.

A experiência da análise é necessária, mas não é suficiente[20]. Donde se conclui que, para além da análise, é preciso que o sujeito ratifique, por assim dizer, sua experiência singular e a historização de seu desejo, por certas "exigências lógicas" que lhe permitam melhorar sua escuta, mercê da restituição que lhe é feita de sua própria experiência. Isso porque a experiência clínica e a escuta analítica não estarão garantidas se não forem socorridas pelos referentes estruturais que tornem possível sua leitura[21].

É aí que entra o lugar e a função da Escola. A Escola, Lacan diz isso desde 1964, tem por um lado a função moral e

[14] *Ibid.*, p.576.

[15] *Ibid.*, p.581.

[16] *Ibid.*, p.307. Ver tb. p.243.

[17] Cf. Lacan. *Le séminaire – livre XXI, Les non-dupes errent (1973-1974)* (Inédito: aula de 9 de março de 1974): "O ser sexuado não se autoriza senão por ele mesmo. [...] e eu acrescentaria: e por alguns outros. [...] Na minha Escola [...] é isso que equilibra meu dizer que o analista não se autoriza senão por ele mesmo. Isso não quer dizer, entretanto, que seja ele sozinho a decidi-lo, como eu acabo de lhes fazer notar no que diz respeito ao ser sexuado".

[18] *Ibid.*: "Se seguramente não se pode ser nomeado da psicanálise, isso não quer dizer que não importa quem possa entrar aí dentro como um rinoceronte na porcelana, quer dizer, sem levar em conta isto: é que será bem preciso que se inscreva".

[19] *Ibid.*

[20] *Ibid.*

[21] *Ibid.*

social de testemunhar e garantir a formação do analista, em benefício do próprio paciente, de quem não se pode, evidentemente, esperar tal confirmação.[22] Paralelamente, a Escola é o lugar onde o analista se põe à prova[23], submetendo-se ao passe, momento no qual o ato analítico é averiguado no instante mesmo em que se produz[24] – embora nada o obrigue a isso[25]. Dar conta de seu desejo de analista – que não é o mesmo que desejo de ser analista –, esse é o ponto fundamental. E o passe é o exame daquilo que decide um analisando a se pôr como analista – isso sem forçar ninguém a fazê-lo[26].

A questão que se coloca é saber se qualquer associação, seja ela de analistas, não poderia fazer isso. Ou melhor, as sociedades psicanalíticas, sejam elas parte integrante do "corpo místico" ipeiano, ou seus eventuais subprodutos, não poderiam realizar essa função de isolar o que se articula do desejo do analista a partir do seu ato?

Ora, como seriam elas capazes de distinguir o ato analítico da condição social que o esconde, se não sabem o que é uma análise que introduz seu próprio ato?[27]. Como imaginar que uma tal hierarquia possa confirmar alguém como analista?[28]

Sabemos que Lacan não poupa tinta nem palavras para denunciar tais associações. Elas privilegiam a hierarquia em detrimento da psicanálise; elas, tanto pelas insuficiências teóricas quanto pelos desvios de sua *práxis*, amortecem o progresso da psicanálise e aviltam seu emprego; elas conferem títulos e outorgam investiduras, oferecendo o conforto de uma rotina[29] gozosa, graças a uma espécie de habilitação patenteada[30], garantia de uma qualificação repousante[31]. Tudo isso ao preço de um enfatuamento cuja prestância se reflete na estagnação ou na baixa qualidade de suas produções[32]. Ora, como esperar o reconhecimento de um estatuto legal a uma experiência que não se conhece ou à qual não se pode sequer responder?[33]. Confunde-se o ato analítico com seu invólucro profissional, e o analista com sua investidura institucional.

À guisa de ilustração, ouçam essa frase saída de uma das cabeças pensantes de certa sociedade: "Nesta Sociedade ninguém se autoriza analista por si mesmo". Pasmem! Tal proposição, mais que ousadia e menos que irreverência, é a prova contundente do quanto a ignorância *docens* pode ser atrevida. É também uma demonstração daquilo que Lacan chamou de "imbecilidade da verdade", falando de como um enunciado verdadeiro pode ser veiculado de maneira imbecil[34]. Assim, não é de admirar que a psicanálise não tenha nada de mais seguro em seu ativo que a produção de analistas[35]. Daí Lacan

[22] *Ibid.*
[23] *Ibid.*
[24] *Ibid.*
[25] *Ibid.*
[26] *Ibid.*
[27] *Ibid.*
[28] *Ibid.*
[29] *Ibid.*
[30] *Ibid.*
[31] *Ibid.*
[32] *Ibid.*
[33] *Ibid.*
[34] Lacan, *O seminário – livro 16: De um Outro ao outro (1967-1968)* (Inédito: aula de 20 de novembro de 1968).
[35] *Ibid.*

dizer que, embora a psicanálise esteja em toda parte, não se sabe bem onde os analistas estão. Ainda bem que a psicanálise não se dissolve naquilo que ela propaga![36]

Resultado: o espetáculo de um pensamento enquistado e de uma falsa complacência, em que a análise fica em compasso de espera e o analista fora de prumo. A única maneira de sair desse marasmo é partir do próprio ponto do qual os analistas se afastaram, a saber: a própria formação do analista[37].

É justamente a Escola que questionará os princípios de tais habilitações patenteadas. Ela será igualmente o refúgio e a base de operação, como o eram as antigas escolas gregas[38], lugar de formação e de sabedoria, em que um saber alegre era procurado e transmitido em meio a um ambiente de descontração. A propósito, lembro-lhes que "escola" vem do grego e significa "gozar do ócio". Um grau de ócio é necessário para pensar bem.

Nesse sentido, a escola é essa base na qual cultivamos, em comunidade, os meios, isto é, o saber, com o qual possamos melhor atender às novas formas de demanda da subjetividade moderna. Um lugar de formação. Um lugar onde, pela via do passe ou não, o saber, seja ele referencial ou textual, se transmite e se produz segundo o parâmetro de uma nova forma de laço social, que é o discurso analítico, determinado pela prática de uma análise. Por isso na Escola o institucional não deve prevalecer sobre o clínico, aqui entendido como momento alcançado na análise e que visa à questão do desejo do analista.

É claro que uma dimensão institucional existe e deve existir, pois, como diz Lacan, para que os analistas componham, devem se compor[39] – "o discurso analítico não pode ser sustentado por um só"[40] – ainda que fosse para não se tornarem reféns de um pacto de carência, cujo preço social seria a absoluta falta de controle, tanto do interior quanto do exterior. Isso explica a necessidade da vertente administrativa e jurídica da instituição, espaço do poder gerencial e até político, contraposto ao poder epistêmico e qualificativo, próprio do espaço da formação e transmissão psicanalítica.

Esse dado de realidade é responsável, em grande parte, pelas tensões internas, que, por sua vez, denunciam os impasses estruturais de uma instituição onde se contrapõem permanentemente o discurso do mestre, de um lado, e o discurso analítico, do outro. Administrar tais impasses, para que o primeiro não assujeite o segundo, não é tarefa fácil. Ao dissolver sua Escola em 1980, Lacan diz que o fez para evitar que o efeito de grupo prevalecesse sobre o discurso analítico[41].

[36] *Ibid.*

[37] *Ibid.*

[38] Jaeger. *Paidéia. A formação do homem grego* (1986, p.341).

[39] *Ibid.*, p.293.

[40] *Ibid.*, p.531.

[41] *Ibid.*, p.318.

Resta saber se as associações psicanalíticas, digamos tradicionais, podem atender a essas demandas. Não, não podem. Basta fazer uma para saber, diz Lacan[42].

[42] *Ibid.*, p.272.

E não podem exatamente porque nelas campeia o discurso do mestre, que é justamente o avesso do discurso do analista. É um discurso que recalca o sujeito dividido, que não quer nem saber dele. É um discurso que faz o outro produzir um saber, saber referencial, para gozo do senhor ou de um ideal que está no lugar do agente (seja ele a instituição ou sua hierarquia). Para conseguir isso, não hesita entrar em conluio com o discurso universitário, seu primo carnal, desde que para isso o saber referencial assuma o lugar de agente, enquanto o saber textual – do inconsciente – fica no recalque, o outro sendo tratado como objeto de mais-gozar do mestre (aqui no sentido daquele que sabe e detém essa autoridade),o que dá como resultado (= produção) essa intimidação resultante do sentimento de não saber nada, ou quase nada. Como se vê, nada mais contrário ao discurso analítico. Observe-se, por sua vez, que esse discurso é o avesso do discurso histérico, que, juntamente com o discurso analítico, deve predominar como laço social na Escola, como veremos. É por isso que Lacan diz, na *Proposição sobre o psicanalista da Escola,* que nas sociedades só existem interesses científicos[43].

[43] *Ibid.*, p.244.

É de se perguntar então por que elas se criam, crescem e produzem alguma coisa, inclusive analistas. Já em 1956, Lacan procura uma razão para a notável persistência da instituição psicanalítica, apesar das forças de desagregação às quais foi submetido o legado de Freud. Nessa época, ele encontra essa razão na pura força significante dos conceitos freudianos – já que "sua significação não conta para nada no seu uso" –, à cuja presença ele atribui sua não-fragmentação em uma "confusão de Babel"[44].

[44] Cf. *Écrits, op.cit.*, p.486.

Por minha parte, penso que a razão maior está na afirmação conclusiva de Lacan, segundo a qual mesmo que uma sociedade só tenha interesses científicos, "há um real em jogo na formação do psicanalista. Nós afirmamos [*nous tenons* é mais que simplesmente afirmar] que as sociedades existentes se fundam sobre esse real. Nós partimos igualmente do fato, em si mesmo absolutamente manifesto [*qui a pour lui toute apparence*], que Freud as quis exatamente como elas são [*Freud les a voulues telles qu'elles sont*]"[45].

[45] *Ibid.*, p.244;578.

Ora, o fato, não menos patente, é que o real não é apenas aquilo que insiste, que volta sempre ao mesmo lugar, mas que, justamente por não cessar de não se escrever, provoca seu próprio desconhecimento, quiçá sua negação sistemática. Isso, alia-

do ao fato de que a natureza dessas sociedades e seu modo de funcionamento se esclarecem pela estrutura do grupo tal como teorizado para a Igreja e as Forças Armadas em *Psicologia das massas e a análise do ego*[46], fez com que Freud corresse o risco de uma certa parada. Talvez ele não tenha percebido outra forma de evitar a extinção de sua experiência[47]. Como todo risco, teve seu preço, no caso a prevalência do efeito de grupo sobre o discurso analítico.

[46] *Ibid.*, p.257.

[47] *Ibid.*, p.244.

Tal parece ser o fundamento que explica a duração e o funcionamento dessas sociedades.

Voltemo-nos agora para a Escola, pois, como já dissemos, é ela quem põe em questão os princípios de habilitação patenteado pelas sociedades, bem como do consentimento dos que a receberam[48]. Analisemos a natureza de seu funcionamento e seus impasses.

[48] *Ibid.*, p.238.

Como diz Lacan, não basta que a Escola exista. Isso não vale nada e não prova nada, enquanto seu interesse – a formação do analista e a produção – não for comprovado. A formação também mostra suas provas pela produção[49]. É por isso que Lacan instituiu o cartel como porta de entrada e unidade de base da Escola, lugar onde se transmite o saber da experiência analítica e onde se produz[50]. Tudo deve girar em torno dos escritos a serem publicados, diz Lacan em *Nota italiana*[51].

[49] *Ibid.*, p.593.

[50] *Ibid.*, p.229; 232; 235.

[51] *Ibid.*, p.311.

Então, a fim de que a Escola não se qualifique apenas pelo fato de existir, e para que não sucumba ao efeito do grupo, é necessário que ela seja regida pelo discurso histérico e pelo discurso analítico. Esses discursos, como sabemos, são o avesso dos discursos de dominação – o do mestre e o universitário –, que, como já vimos, regem os laços de trabalho nas sociedades. Vimos a que impasses isso conduz. Vejamos agora a que impasses conduz a dominância dos discursos histérico e analítico.

A tarefa da Escola, além da formação, é a manutenção do discurso analítico. Mas não se pode considerar o discurso analítico sem levar em conta o discurso histérico que o antecede.

Antes de entrarmos na análise da dialética entre esses dois tipos de discursos, partamos do princípio de que há um saber no real[52], que esse real é o encontro com o impossível do objeto *a*, que esse real está em jogo na formação[53] e que não há outra entrada no real a não ser por meio do fantasma[54].

[52] *Ibid.*, p.308.

[53] *Ibid.*, p.244.

[54] *Ibid.*, p.326.

É essa passagem entre o fantasma e o real que faz os dois discursos girarem, provocando impasse e tensão.

No discurso analítico, o lugar de *a* permanece vazio por causa de um saber sobre o real (S_2) que põe o sujeito a trabalhar para produzir significantes.

No discurso histérico, o sujeito interroga e começa a falar por causa de um sofrimento que lhe advém de sua verdade desconhecida (a), e com isso começa a produzir um saber (S_2) mediante o deciframento do inconsciente.

Pois bem, ante o insuportável de um saber sobre o real revelado pelo discurso analítico (a / S_2), o sujeito regride ao discurso histérico, tamponando o lugar anteriormente vazio (a, lugar do agente no discurso analítico) e evitando o saber sobre o real mediante a fixação no fantasma ($\$$ / a) que lhe serve de proteção. Nessa posição o sujeito se sente mais seguro, pois não tem de se defrontar com o horror do saber sobre o real. Em conseqüência, o sujeito não quer saber de mais nada sobre o real (a / S_2, no discurso analítico), o a adquirindo a consistência imaginária pela qual o sujeito se sustenta no fantasma.

Note-se que entre o saber histérico e o saber analítico há uma descontinuidade fundamental ($/S_2.../.../S_2$). Com efeito, no discurso histérico o saber está no lugar da produção, enquanto no discurso analítico ele está no lugar da verdade. Ora, entre esses dois lugares há uma disjunção lógica intransponível.

Resultado: isso cria um impasse, gerador de tensão. Tensão que eu diria estrutural entre esses dois discursos, diferente daquela resultante do confronto entre esses discursos e os discursos da dominação (o do mestre e o universitário).

É que o saber do analista é um saber sobre o real. O que conta aí é a articulação saber/desejo. Já o saber histérico é um saber sobre o significante, produzido por um processo de decifragem do inconsciente. É portanto um saber sobre o simbólico[55].

Temos de conviver com essa situação, por ser um fato de estrutura. Pois, na verdade, somente pela via do fantasma se pode chegar ao real. O que acontece é que, tal como na análise, cujo processo exige a histerização do discurso para que tenha lugar o discurso analítico, na instituição também o discurso histérico é a condição de possibilidade para a manutenção do discurso analítico. Afinal, é por esse discurso que o sujeito interroga o saber.

Contudo, em *Nota italiana*[56], Lacan indica como fazer frente a essa situação. Ao horror do saber sobre o real ele opõe o afeto do entusiasmo, resultante do momento da passagem da condição de analisando para a de analista. Do encontro com o real faz-se a ocasião de produzir o tipo de lógica que opera no discurso analítico. Enquanto o horror do saber inibe o sujeito, retendo seu progresso, o entusiasmo o impele para frente.

[55] Não vou entrar aqui na análise do discurso do mestre e do discurso universitário, porque de alguma maneira já o fiz anteriormente. Basta-me repetir que ambos são formas de discurso que nada têm a ver com o discurso analítico. O discurso universitário produz um ideal de saber referencial que não deixa lugar para o imprevisto que poderia emergir da divisão do sujeito. Já o discurso do mestre põe o agente (o analista, por exemplo) na posição de uma "Suficiência" que sabe tudo, não deixando lugar para as diferenças que podem emergir dos dizeres do outro.

[56] *Ibid.*, p.309.

É esse entusiasmo que Lacan espera dos membros de sua Escola.

Talvez seja essa a melhor forma de vencer os impasses e as tensões resultantes da própria estrutura institucional. O entusiasmo seria, assim, a força propulsora dos "trabalhadores decididos" que Lacan desejou para sua Escola. "Se o sujeito não for levado pelo entusiasmo, pode até ter havido análise, mas não há nenhuma chance de que haja aí um analista"[57].

[57] *Ibid.*



referências bibliográficas

LACAN, Jacques. (1956) Situation de la psychanalyse et formation du psychanalyste em 1956. In: *Écrits.* Paris: Seuil, 1966.

LACAN, Jacques. Acte de fondation, In: *Autres écrits.* Paris: Seuil, 2001, pp. 229-241.

LACAN, Jacques. Proposition du 9 octrobre 1967 sur le psychanalyste de l'École. In: Autres écrits. Paris: Seuil, 2001.

LACAN, Jacques. (1967). Proposition du 9 octobre 1967 (Première version). *Analytica.* Paris, n.8, 1978.

LACAN, Jacques. (1967) Discours à l'École freudienne de Paris. In: *Autres écrits.* Paris: Seuil, 2001.

LACAN, Jacques. *D'un Autre à l'autre (1968-1969).* Inédito.

LACAN, Jacques. (1969) Adresse à l'École. In: *Autres écrits.* Paris: Seuil, 2001.

LACAN, Jacques. (1970) Allocution sur l'enseignement. In: *Autres écrits.* Paris: Seuil, 2001.

LACAN, Jacques. (1973) Note italienne. In: *Autres écrits.* Paris: Seuil, 2001.

LACAN, Jacques. (1980) Lettre de dissolution. In: *Autres écrits.* Paris: Seuil, 2001.

LACAN, Jacques. *La logique du fantasme (1967-1968).* Inédito.

LACAN, Jacques. *L'acte psychanalytique (1967-1968).* Inédito.

LACAN, Jacques. (1973) *Télévision.* In: *Autres écrits.* Paris: Seuil, 2001.

LACAN, Jacques. (1976) Préface à l'édition anglaise du *Séminaire XI.* In: *Autres écrits.* Paris: Seuil, 2001.

LACAN, Jacques. (1970) Liminaire. In: *Autres écrits.* Paris: Seuil, 2001.

LACAN, Jacques. *Les non-dupes errent* (1973-1974). Inédito.

LACAN, Jacques. (1975) Conferencia en Ginebra sobre el sintoma

(1975). In: *Intervenciones y Textos* n. 2. Manantial: Buenos Aires, 1988. pp. 113-144.

LACAN, Jacques. *Le séminare : l 'envers de la psychanalyse (1969-1970).* Paris: Seuil, 1991.

LACAN, Jacques. *Le séminaire : Les non-dupes errent* (1973-1974). Inédito.

WERNER, Jaeger. *Paidéia. A formação do homem grego.* Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1986.

resumo

O artigo mostra como o problema da formação é fundamental para a psicanálise e sua práxis. Para isto o autor discorre sobre que tipo de instituição é a mais adequada para o processo de formação do analista, confrontando as sociedades "tradicionais", ipeianas ou não, com o modelo de Escola proposto por Lacan, à luz da teoria dos discursos. As sociedades são regidas pelos discursos da dominação, discurso do mestre e discurso universitário. A Escola é regida pelos discursos do avesso: o histérico e o do analista. São analisados os impasses estruturais resultantes dessa situação.

abstract

The article demonstrates how important the psychoanalyst formation is to the psychoanlysis and its praxis. With this in wiew, the author discusses the kind of institution that is most suitable for the process of the psychoanalyst formation, confronting "traditional" psychoanalytics societies, either attached to the International Psychoanalysis Association (IPA) or not, with the School model proposed by Lacan according to the theory of discourses. Societies are ruled by domination discourses: master's and university's. The School is dominated by the reverse discourse: the histerical's and the analyst's.The structural impasses resulting from this situation are discussed.

palavras-chave

formação, sociedade, Escola, discursos

keywords

psychoanalityc training, psychoanalityc societie, School, discourses